

Como canto de ave desolada: uma autoetnografia do luto na pandemia de covid-19¹



RESUMO

Este artigo trata das especificidades traumáticas de se perder um ente querido durante a pandemia de covid-19 no Brasil. Como as pessoas que passaram por essa experiência lidam com o luto em suas vidas cotidianas? A partir de um relato autobiográfico em diálogo com as ciências sociais, e principalmente com a Antropologia, quero responder a essa pergunta, enfatizando as dificuldades de se levar adiante uma vida enlutada em meio a uma crise sanitária. Irei abordar o enfrentamento do que chamo de economia moral das mortes por covid-19 por parte dos enlutados, quando encaramos constrangimentos tácitos ou manifestos às expressões de enlutamento em meio à privação da vivência coletiva do luto, seu reconhecimento comunitário, além da supressão dos ritos fúnebres e de despedida. Também pretendo que este texto sirva de memorial aos mortos pela covid-19, contribuindo com um repertório de acolhimento e consolo para os que atravessaram esse evento crítico.

Palavras-chave: Covid-19; Luto; Cotidiano; Autoetnografia.

*Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador de Pós-doutorado no Museu Nacional, UFRJ. Bolsista do Pós-doutorado Nota 10 da FAPERJ. CV: <https://lattes.cnpq.br/8257727698456026>

¹ Este trabalho é resultado da pesquisa de pós-doutorado realizado no âmbito do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, financiada pela FAPERJ, de título *Trauma, luto e rituais de rememoração e consolo entre os enlutados da covid-19 no Brasil*.

Like a mother bird who findeth her chicks gone from the nest: an autoethnography of the grief in covid-19 pandemics

ABSTRACT

This paper addresses the traumatic specificities of losing a loved one during the covid-19 pandemic in Brazil. How do people who have gone through this experience cope with grief in their daily lives? Based on an autobiographical account in dialogue with the social sciences, especially Anthropology, I want to answer this question by emphasizing the difficulties of carrying on with a grieving life amidst a health crisis. I will address the confrontation with what I call the moral economy of covid-19 deaths, when we face tacit or manifest constraints on expressions of grief amidst the deprivation of the collective experience of grief, its community recognition, and the suppression of funeral and farewell rites. I also intend for this text to serve as a memorial to those who died from covid-19, contributing to a repertoire of support and consolation for those who have gone through this critical event.

Keywords: Covid-19; Grief; Daily live; Autoethnography.

Como ave desolada que encuentra su nido vacío, despojado de sus polluelos: una autoetnografía del duelo en la pandemia de covid-19

RESUMEN

Este artículo aborda las particularidades traumáticas de la pérdida de un ser querido durante la pandemia de covid-19 en Brasil. ¿Cómo afrontan el duelo en su vida diaria quienes han vivido esta experiencia? A partir de un relato autobiográfico en diálogo con las ciencias sociales, especialmente con la antropología, busco responder a esta pregunta enfatizando las dificultades de sobrellevar el duelo en medio de una crisis sanitaria. Abordaré la confrontación con lo que denomino la economía moral de las muertes por covid-19 desde la perspectiva de los dolientes, cuando nos enfrentamos a restricciones tácitas o manifiestas en la expresión del duelo, en medio de la privación de la experiencia colectiva del duelo, su reconocimiento comunitario, así como la supresión de los ritos funerarios y de despedida. Asimismo, pretendo que este texto sirva como homenaje a quienes fallecieron por covid-19, contribuyendo a un repertorio de apoyo y consuelo para quienes han atravesado este evento crítico.

Palabras clave: Covid-19; Duelo; Vida cotidiana; Autoetnografía.



*Findo o furor, decorridos longos instantes,
aparece a jovem, com agudos gemidos, canto de
ave desolada ao ver vazio o ninho, despojado o
berço, desaparecido os filhotes
(Antígona, Sófocles)²*

A pandemia de covid-19 no Brasil foi formada por três ondas de contágio (e de picos de óbitos) pelo vírus SARS-COV2 entre os anos de 2020 e 2022 (Moura et al., 2022). Este artigo trata das especificidades traumáticas de se perder um ente querido nesse período. A partir de um relato autobiográfico em diálogo com as ciências sociais, e principalmente com a Antropologia, quero falar das dificuldades em se levar adiante uma vida enlutada após a morte de alguém muito amado durante uma crise sanitária.

Algumas das adversidades vivenciadas durante a pandemia de covid-19 por aqueles que testemunharam o padecimento de um ou mais de seus entes queridos já foram enumeradas em outros trabalhos (Adiukwu et al., 2022; Barradas, 2023; Brazal, 2021; Cardoso et al., 2020; Crepaldi et al., 2020; Dantas et al., 2020; Giamatthey et al., 2022; Mitima-Verloop et al., 2022; Praxedes, 2024; Torres-Burton et al., 2022). Não obstante, os dados dessas pesquisas foram retirados de testemunhos presentes em redes sociais ou em reportagens da mídia tradicional. Sem esquecer da importância dessas investigações, meu interesse é mostrar como o evento crítico da pandemia “estende seus tentáculos e se desdobra nos recessos do ordinário” dos enlutados (Das, 2007, p. 7). Farei isso compartilhando minha trajetória de enlutado após perder meu pai no auge da pandemia no Brasil, a semana de 28 de março a 3 de abril de 2021. A intenção aqui é conectar meu relato a uma análise dos modos de viver e enlutar-se durante a pandemia, lançando luz sobre como as pessoas efetivamente agiram para “recolher os pedaços e viver em um lugar de devastação” (Das, 2007, p. 13).

Os trabalhos citados até aqui são de autoria de pesquisadores da área da saúde, principalmente psicologia e enfermagem, reproduzindo a hegemonia desse campo do conhecimento quando se trata das mortes e do luto decorrentes da pandemia de covid-19. Um dos objetivos deste artigo, então, é colaborar com a visão das ciências sociais sobre o luto (Koury, 2002; Machado & Menezes, 2018), especialmente da Antropologia (Rosaldo, 2014; Silverman et al., 2021) para além da já clássica e profícua antropologia da morte (Danforth, 1982; Fabian, 2025; Hertz, 1960), e mais especificamente sobre o luto decorrente da pandemia de covid-19.

Nesse sentido, e no que diz respeito ao estado da arte nas ciências sociais, há trabalhos que enfatizam aspectos de cunho mais geral, a exemplo de como a pandemia trouxe à luz contradições e reinterpretações sócio-político-econômicas (Ribeiro, 2021), iluminou novas definições de puro ou impuro (Bayatrizi et al., 2021), ou reforçou práticas de biopoder, biopolítica e necropolítica, como mostraram Rui et al. (2021) em uma revisão já possível em meio à quantidade de informações que circulavam sobre o tema da pandemia. Ao relacionarem

² Sófocles. (2019). *Antígona*. (Donaldo Schuler, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores. [Obra original publicada em 441 a.C.].

pandemia e morte, por sua vez, os trabalhos retratam majoritariamente os impactos da pandemia do novo coronavírus na execução dos ritos fúnebres e rituais concernentes à despedida (Andrade Neves, 2021; Lupion, 2021; c et al., 2021; Silva & Estelita-Lins, 2021), assim como vimos com as pesquisas equivalentes no campo da saúde.

Quando chegam a abordar especificamente o luto (o que também acontece mais no campo da psicologia e não nas ciências sociais), os autores preocupam-se geralmente com as consequências da interdição dos rituais de despedida e morte nas formas tradicionais de se enlutar (Vicente da Silva et al., 2021). Foi o que fizeram, por exemplo, Silva e Estelita-Lins (2021) ao reconhecerem, a partir do que chamaram de “embates cosmopolíticos”, a necessidade de traduções dos protocolos de biossegurança para as práticas funerárias Yanomami. Ainda assim, em sua maioria, e continuando no âmbito das ciências sociais, quando os trabalhos tocam no assunto do luto decorrente da pandemia, ele não é o tema principal e seus aspectos são abordados ainda de forma conjectural, questionando-se as repercussões futuras do evento crítico da pandemia na elaboração do sofrimento dos enlutados. Sendo assim, trata-se mais de trabalhos sobre pandemia, às vezes sobre a morte na pandemia, e pouco ainda sobre o luto decorrente desse processo.

A pandemia de covid-19 pode ser considerada como um evento crítico nos termos de Veena Das (1995). Para Das, os eventos críticos podem ser entendidos como transformações que impulsionam as vidas das pessoas em direção a cenários sem precedentes” (Das, 1995, pp. 6-7). Gustavo Lins Ribeiro (2021), em diálogo com Veena Das, afirma que esses eventos supõem a “ausência de sentidos adequados para compreender a nova situação”, exigindo, assim, a criação de “novos modelos interpretativos” (p. 107). Para Ribeiro, estivemos diante de uma “descotidianização” com alcance global, como o próprio termo pandemia denota. No entanto, o que me interessa aqui também é compreender justamente o caráter de evento do cotidiano. Trata-se de investigar o modo como a memória dos eventos traumáticos da pandemia imiscuem-se nas dobras do cotidiano. Como um encontro furtivo, um comentário despretenso ao ser alcançado por um vizinho na rua de casa, uma conversa na fila do caixa da farmácia, no jantar do que restou da família, uma pergunta curiosa a respeito de como se deu o contágio, ainda que venha acompanhada de um tom de lamento, podem intensificar a dor do luto?

Quero responder a essa pergunta a partir de um trabalho fruto principalmente da vivência de um enlutado da covid-19, que já tinha experiência recente com o luto. O curto intervalo entre as duas perdas causou uma inevitável comparação entre os ritos funerários nas duas ocasiões, possibilitando-me compartilhar os desdobramentos dos aspectos traumáticos das mortes durante a pandemia da covid-19. Trarei, então, nas próximas sessões uma apresentação de aspectos gerais sobre as dificuldades enfrentadas pela população diante da perda de entes queridos durante a pandemia, seguida de uma descrição detalhada de como foram os rituais fúnebres da perda de meus pais, realizados em um intervalo de dois anos e meio. Falarei também de momentos em que me deparei com interações nas quais a economia moral das mortes por covid-19 e o negacionismo trouxeram mais uma camada de sofrimento à minha vida. Nas considerações finais, tentarei responder algumas perguntas à luz

dos acontecimentos que estarão aqui: Estamos sozinhos, nós os enlutados pela covid-19, no papel de nos reconhecermos mutuamente em nossas perdas? É possível que a sociedade mais ampla venha a tomar parte no trabalho de rememorar as perdas e compartilhar as dores?

Antes de tudo, apresentarei brevemente os conceitos de economia moral e de luto que informam este trabalho, uma vez que acho este esclarecimento indispensável para que meu argumento seja compreendido da melhor forma.

Economia moral e luto

Ao falar de “economia moral das mortes por covid-19”, refiro-me primeiramente à forma como Edward Thompson (1971) e James Scott (1976), respectivamente, reivindicaram uma dimensão moral na análise dos motins da fome do século XVIII na Inglaterra e da mobilização social entre os camponeses do Sudeste Asiático na década de 1930. Para além de uma razão econômica, haveria um aspecto moral que levaria as classes oprimidas a se rebelarem. Minha utilização de “economia moral” carrega, então, este aspecto de reivindicação de uma dimensão moral para a análise de um fenômeno não investigado à primeira vista sob essa conformação. Não obstante, sigo a definição atualizada por Didier Fassin (2009): a “produção, distribuição, circulação e uso de sentimentos morais, emoções e valores, e normas e obrigações no espaço social” (p. 37). Parte-se, então, do princípio de que as reações às mortes ocorridas durante a pandemia da covid-19 são estruturadas por uma economia moral específica que precisa ser investigada. Ainda que seja uma etapa indispensável, o propósito aqui não deve se limitar ao esclarecimento da economia moral da pandemia. É preciso sobretudo entender como a economia moral das mortes por covid tem afetado a vivência do luto dos que perderam seus entes queridos. Como os enlutados têm reconstruído suas vidas em meio às moralidades que perturbam a rememoração de suas perdas e a elaboração de seu luto?³ Essa é a pergunta que precisa ser respondida.

Isso nos leva à discussão do que se entende por luto no escopo deste artigo. Considero o luto uma “emoção sentida diante de uma perda irreparável” (Charmaz & Milligan, 2006, p. 518), sendo composto por “uma variedade multidimensional de experiências” que se sucederiam a essa perda (Bonanno, 2001, pp. 494-495). Sendo assim, quero falar mais do luto como emoção social (Jakoby, 2012) do que como patologia (Walter, 2006). O propósito é, também, enfatizar tanto o caráter de experiência quanto a indissociável complexidade do luto. Porém, ao mesmo tempo em que se ressalta o aspecto intimamente subjetivo do luto, é indispensável dizer que ele não reside, como apontam Charmaz e Milligan (2006), “apenas no indivíduo enlutado”. As formas expressivas do enlutamento compõem um repertório social de “relações, apegos, expectativas e obrigações” (p. 525). Se essas expressões são reguladas por normas socioculturais que definem quais delas serão aceitas ou não como adequadas (Silverman et al., 2021, p. 1), por

³ As moralidades concernentes ao luto não apenas perturbam sua vivência, mas também a possibilitam e promovem. A relação entre norma e criatividade nas expressões de enlutamento, bem como as possibilidades de oferecer consolo ou desconforto são engendradas igualmente pelos seus aspectos morais. Meu foco aqui, no entanto, está nas moralidades que atrapalham o acolhimento do luto das pessoas que perderam entes queridos durante a pandemia de covid-19. Agradeço ao/à parecerista o apontamento dessa questão.

outro lado, as expressões de enlutamento podem apresentar uma surpreendente originalidade (Silverman et al., 2021, p. 1). Essa tensão entre norma e criatividade na vivência do luto, entre seus aspectos subjetivamente imprevisíveis e socialmente prescritivos, pode ajudar a responder às perguntas feitas acima, às quais retornarei nas considerações finais

Considerações gerais sobre as mortes e o luto na pandemia de covid-19

Um dos aspectos mais marcantes, que estabelece o contexto pandêmico como um regime de exceção no que diz respeito aos procedimentos com relação aos óbitos, foi o adoecimento e a morte em condições de isolamento. A interdição de visitas hospitalares impossibilitou o auxílio aos enfermos por parte de familiares, amigos e demais redes de apoio, os quais culpabilizam-se pela impossibilidade de oferecer consolo e de estarem presentes quando da ocasião do agravamento da doença. Não poder cuidar, nem se despedir de quem se ama e imaginá-lo sofrer sem o apoio dos seus, foi um dos quesitos mais citados na dificuldade de aceitação e elaboração das mortes na pandemia em várias pesquisas (Cardoso et al., 2020; Crepaldi et al., 2020; Dantas et al., 2020).

No entanto, esse é apenas o começo de uma série de interdições: a revogação dos ritos de despedida foi agravada pela supressão ou abreviação dos rituais fúnebres. A proibição dos velórios, a obrigatoriedade dos caixões lacrados, a limitação da quantidade de presentes ao sepultamento, trouxe obstáculos para cumprir as últimas homenagens a quem se foi de forma tão sofrida. Isso teria gerado, como disseram Cardoso et al. (2020), sentimentos de incredulidade e indignação com respeito ao falecimento dos entes queridos. Ao ser obstaculizado o momento de chorar a perda em conjunto com parentes e amigos, detém-se também o processo de elaboração do luto, deflagrado quando do confronto com a materialização do infortúnio no corpo visto e tocado uma última vez. Enfim, “a ausência de rituais de despedida do corpo dificulta a concretização psíquica da perda” (Cardoso et al., 2020, p. 2), restando uma sensação de incompletude. Fernández e González-González (2022) reforçam essa questão ao afirmarem que a pandemia “matou duas vezes quando isolou as vítimas de seus familiares pouco antes de sua morte”, não permitindo que uma conclusão emocional do processo fosse alcançada” (p. 713): “ela [a pandemia] retira a dignidade dos mortos e agrava a dor dos vivos” (p. 704).

A dor dos vivos é agravada ainda pela deterioração de uma das formas de consolo disponíveis na sociedade: o suporte na forma de acolhimento por parte dos que cruzam o caminho do enlutado para oferecer-lhe as condolências, legitimar sua dor e aplacar, assim, um pouco de seu sofrimento. O negacionismo patrocinado pelo Estado durante a pandemia transportou o antagonismo nos termos amigo-inimigo (Schmitt, 2008) vigente na sociedade brasileira pelo menos desde o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff para o adoecimento,

a morte e o luto da covid-19.⁴ Algumas ações contribuíram para isso, dentre elas: o desestímulo ao distanciamento social e ao uso de máscaras, medidas comprovadamente eficazes em dificultar o contágio; a resistência à compra das vacinas e a promoção de sua suspeição; além do patrocínio de remédios não eficazes compondo um suposto “tratamento precoce” que acabaria com a necessidade de isolamento (Cepedisa, 2021). Diante disso, intensificou-se a divisão na sociedade em polos acirrados, representados por termos como vida *versus* economia e negacionismo *versus* ciência (além dos já conhecidos esquerda *versus* direita, petista *versus* bolsonarista, entre outros). Nesse contexto, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, maior incentivador da estratégia conhecida como “imunidade de rebanho”,⁵ viam o desrespeito às medidas de proteção sanitária como sinal de apoio e pertencimento ao seu espectro político. Isso gerou uma expectativa de tensionamento nas interações quando dos momentos em que se comunicava a internação ou o falecimento de um parente por conta da covid-19, restando os enlutados de compartilharem suas dores em busca de consolo nas reações impassíveis da comunidade.

A impassibilidade pode ser explicada ainda pela forma como as mortes foram apresentadas, às centenas e depois aos milhares, com números frios rolando pela tela, dessensibilizando as pessoas, limitando ainda mais a oferta de suporte emocional aos enlutados (Fernández & González-González, 2022). O medo do contágio também é um dos fatores que podem ter levado à perda da capacidade de oferecer respostas empáticas às perdas das pessoas durante a pandemia. Como dizem Cardoso et al. (2020), com a morte de parentes próximos, “o enlutado deixa de ser objeto percebido como vulnerável, alguém que necessita de apoio e proteção, e passa a ser estigmatizado como potencial vetor de transmissão”, causando ainda mais, continuam os autores, “solidão e desalento” (p. 5). Tem-se, então, uma verdadeira produção social da indiferença.

O aspecto traumático das mortes por covid-19 durante a pandemia também pesa sobre a forma como as pessoas têm vivenciado seu luto. Os fatores citados até aqui já são, por si, traumáticos. No entanto, essa característica se agrava ao lembrarmos de episódios como o das valas coletivas abertas em Manaus por falta de espaço nos cemitérios para dar conta da quantidade de corpos⁶; câmaras frigoríficas sendo utilizadas para o armazenamento de

⁴ O pedido de recontagem dos votos pelo partido do então candidato à presidência Aécio Neves, o PSDB, pondo em dúvida a vitória de Dilma Rousseff, então candidata do Partido dos Trabalhadores, é o início de uma intensificação da tensão na política e no nível das sociabilidades que leva ao *impeachment* de Rousseff sem crime de responsabilidade, à prisão do então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva pela Lava Jato e à vitória de Jair Bolsonaro em 2018. Logo após a vitória de Rousseff, o pedido de recontagem e de *impeachment* solicitado pelo PSDB, os protestos nas ruas pedindo intervenção militar (esses, mesmo sem adesão dos líderes do PSDB à época) fizeram as vezes de embrião do que viria pela frente até chegarmos aos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023. (Nobre, M., 2022).

⁵ “A imunidade de rebanho acontece quando uma população se torna imune ao contágio de um vírus, depois que boa parte das pessoas que foram contaminadas desenvolve anticorpos para a doença” (Cavalini & Mussolin, 2020). No entanto, vários estudiosos mostraram que esse tipo de estratégia não se daria com a pandemia de covid-19 (Cepedisa, 2021). O governo de Jair Bolsonaro lançou mão de uma estratégia na qual os corpos mais vulneráveis padeceram em nome da proteção de seu governo de baixos índices de aprovação, os quais adviriam de um suposto retrocesso econômico gerado pela pandemia.

⁶ Em meio à dor, famílias de vítimas de covid enterradas em valas comuns em Manaus planejam homenagem para o Dia de Finados. (2021, 1 de novembro). G1 Notícias.

cadáveres em algumas capitais⁷; pessoas morrendo em casa por falta de leitos nos hospitais⁸, ou, ainda, o perturbador episódio de familiares desesperados para conseguirem cilindros de oxigênio, esgotados nos hospitais do Amazonas. Mais de 500 pacientes precisaram ser transferidos para outros estados a fim de evitar mais mortes.⁹

Como esses aspectos, citados aqui de forma geral, impactaram a vida dos que ficaram?

Negacionismo e sociabilidade beligerante

Em junho de 2020, a Organização Não-Governamental (ONG) *Rio de Paz* manifestou-se em homenagem aos que haviam morrido até ali em meio à pandemia de covid-19, doença causada pelo vírus SARSCOV-2, o novo coronavírus.¹⁰ Mesmo com o primeiro caso oficial de óbito por covid-19 no Brasil tendo acontecido apenas há três meses daquele ato, mais de 60 mil pessoas já haviam falecido àquela altura. A manifestação serviu também como protesto contra o governo federal. A ONG cobrava ações mais efetivas contra as incontáveis perdas de vidas para o novo coronavírus. Os voluntários da *Rio de Paz* cavaram 100 covas rasas na praia de Copacabana em alusão à forma como estava se dando o sepultamento de uma quantidade massiva de corpos. Junto às covas foram depositadas 100 cruzeiros, representando aqueles que se foram. Que reação se espera diante de pessoas homenageando e lamentando tantos mortos enquanto cobram do governo uma responsabilidade maior com o cuidado pelas vidas? Talvez um apoio efetivo dos transeuntes que, sensibilizados, juntar-se-iam aos cerca de 40 voluntários da ONG, passando a fazer mais covas e depositar mais cruzeiros na areia? Se não isso, quem sabe a circunspeção de um gesto solene, como quando alguém tira o chapéu levando-o ao peito em silêncio, ou um simples menear de cabeça que comunicasse o mínimo de deferência?

Não no país onde o negacionismo de Estado foi institucionalizado (Cepedisa, 2021)¹¹ e parlamentares de diferentes unidades federativas tentaram, e, por vezes, conseguiram, invadir os hospitais de campanha construídos para dar conta do número exorbitante de infectados.¹² Os invasores tinham o intento de circular histórias mirabolantes em suas redes sociais, como a de que esses hospitais estariam, na verdade, vazios, a fim de manter a população assustada, sem sair de casa, fazendo com que o governo fosse prejudicado por conta da paralisação da economia. O próprio presidente à época, Jair Bolsonaro, incentivou invasões¹³, porque

⁷ Com alta de mortes, Bahia usará câmaras frigoríficas para armazenar corpos. (2021, 11 de março). Uol Notícias.

⁸ Covid-19: ao menos seis pessoas morrem em casa por dia na cidade de SP. (2020, 15 de junho). CNN Brasil.

⁹ Manaus vive colapso com hospitais sem oxigênio, doentes levados a outros estados, cemitérios sem vagas e toque de recolher. (2021, 14 de janeiro). G1 Amazonas.

¹⁰ Homens invadem ato no Rio e um deles derruba cruzeiros que lembram mortos pela covid (2020, 11 de junho) G1 Rio.

¹¹ Estudo elaborado no âmbito do projeto de pesquisa "Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à covid-19 no Brasil" do Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP), atualizado mediante solicitação da Comissão Parlamentar de Inquérito criada pelos Requerimentos do Senado Federal 1371 e 1372, de 2021, por meio do Ofício 57/2021 CPI Pandemia.

¹² Deputados invadem hospital de campanha do Anhembi e provocam tumulto (2020, 5 de junho). *Estadão*; Deputado bolsonarista invade hospital de campanha no Rio (2020, 29 de maio). *Folha de São Paulo*.

¹³ Entidades reagem à declaração de Bolsonaro que incentiva filmar interior de hospitais (2020, 12 de junho). G1, Jornal Nacional.

cogitava que alguns governadores estariam maquiando números de infectados pela covid-19, visando, nas palavras dele, ter “ganho político”.¹⁴

Diante desse contexto, os organizadores do protesto na praia de Copacabana talvez não tenham se surpreendido quando foram alvos de insultos por parte de um grupo que olhava tudo do calçadão. Após desferir uma série de ofensas “contra a esquerda”, um senhor idoso irrompeu na instalação passando a arrancar as cruzes enquanto continuava a dirigir insultos aos membros da ONG.¹⁵ No entanto, um homem que passava no momento viu a confusão, foi até a praia e começou a recolocar as cruzes. Márcio Antônio havia perdido o filho de 25 anos para a covid-19. Em um vídeo, mandado a pedido de um jornal após o ocorrido, Márcio explicou o que aconteceu. Ele não sabia da homenagem/protesto. Estava passando pela praia e, em suas palavras, fez um “ato voluntário” após presenciar um “desrespeito muito grande com as vítimas”, referindo-se à retirada das cruzes.¹⁶ Com isso, ele se tornou um dos símbolos do luto dos familiares enfrentando as perdas geradas pela pandemia, vindo a participar da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou a inércia, bem como os comprovados abusos, do então governo em meio à pandemia.

É nesse contexto de negacionismo como política de governo que perdi meu pai pouco tempo antes de as vacinas serem liberadas para sua faixa etária. Passo agora a descrever como se deu a experiência de, em um curto espaço de tempo, perder mãe e pai, sendo esta última perda durante a pandemia de covid-19. O intervalo pequeno e as condições contrastantes nas quais realizamos, minha família e eu, os rituais funerários, bem como entre contextos nos quais vivemos os primeiros momentos do luto, possibilitaram-me ter viva em minha memória uma comparação entre os dois momentos.

Luz zenital

Quando minha mãe faleceu em 2018, tudo se deu de forma repentina. O tratamento no fígado parecia caminhar tranquilamente após o susto decorrente da hemorragia interna e da internação de três anos antes. Mas como disse Joan Didion em *O ano do pensamento Mágico* (2006), “você se senta para jantar e a vida que você conhecia acaba de repente”. E daí seguem-se as batidas nada auspiciosas do meu pai na porta do meu quarto, uma corrida desesperada ao hospital e quatro dias depois estávamos velando o corpo de minha mãe na companhia de amigos – muitos amigos – e familiares.

Velório e sepultamento aconteceram no cemitério municipal de Camaragibe, cidade da região metropolitana do Recife, em um três de outubro, véspera do dia dedicado à São Francisco de Assis, mesmo nome do centro espírita do qual minha mãe participou por décadas, por lá cresceu como pessoa e cujos frequentadores e líderes (círculo restrito do qual minha mãe também fez parte), compareceram em peso à cerimônia. A arquitetura do local permitia

¹⁴ ‘Ele está incentivando a baderna’: o desabafo de enfermeira após Bolsonaro pedir que seguidores invadam hospitais (2020, 12 de junho). BBC News.

¹⁵ Homens invadem ato no Rio e um deles derruba cruzes que lembram mortos pela covid (2020, 11 de junho). G1 Rio.

¹⁶ Pai de vítima da covid-19 que recolocou cruzes em protesto no Rio pede ‘empatia e compaixão’. (2020, 11 de junho). G1, RJ2.

uma entrada abundante de luz natural. Os arquitetos chamam de luz zenital quando ela entra no recinto a partir de aberturas no teto. Com o cair do dia, os raios de sol alinharam-se com nossos rostos, ofuscando-nos quando tentávamos enxergar até onde iam os presentes. Ainda assim, quando levava a mão ao rosto para proteger-me do sol, eu conseguia entrever, entre um raio e outro, as pessoas se espalhando pelo gramado à frente do velatório. Minha memória daquele dia permanece fragmentada, mas não cabia todo mundo no local onde ficava o esquife, isso eu lembro. Lembro-me também que, além dos frequentadores do *Grupo Espírita Francisco de Assis*, destacavam-se dentre os presentes as professoras do quadro da educação do município. Muitas delas eram amigas de longa data de minha mãe, que foi diretora por muitos anos de uma das escolas municipais. À medida que a hora do sepultamento se aproximava, as pessoas continuavam a chegar perto de nós para cumprimentar os quatro homens – o viúvo e os três filhos – que dividiam a recepção das condolências. Dentre as inconveniências de algumas das declarações de pêsames, as piores foram, e sempre são: “Foi da vontade de Deus”; “Deus sabe o que faz”; “Mas é assim mesmo, fazer o quê?”, “Você tem que ser forte”; e seus congêneres. Havia também, no entanto, e felizmente, as formas de consolo que eu aprendi ali serem as que mais eficazmente nos alcançam. Essas consolações assentaram-se dentro de mim como memórias salva-vidas. Quando o luto cerra sua mordida, é a essas memórias que me apego. Elas ajudam a resistir à dor e esperar os dentes do pesar afrouxarem um pouco, mesmo sabendo que voltarão a me abocanhar sem aviso prévio. O fato somente de alguém estar ali já fazia muita diferença. Muitos, não obstante, foram além e, mesmo sem se aproximar, mesmo sem nada falar, esforçaram-se para serem vistos ou vistas. Neste momento, quando os olhares se cruzam, é possível perceber todo o esforço para transmitir ternura. É aí que um simples menear de cabeça pode conter um diálogo inteiro: “— Sim, estou aqui. Eu sinto muito. — Sim, estou te vendo, muito obrigado”. A importância desses momentos, a eficácia que eles tiveram em trazer, e continuar trazendo através da memória, o mínimo de consolo que seja, fez com que eu passasse a dividir todas as pessoas que conheço em duas categorias: as que foram ao velório de minha mãe e as que não estavam lá.

Os momentos-chave de partilha do fardo aconteceram mesmo, no entanto, quando as pessoas chegavam ao pé do ouvido contando histórias vivenciadas com minha mãe, histórias que eu não conhecia e me fizeram reconhecer uma mulher amiga, profissional e confiante, para além de mãe. Entre esses, há momentos para os quais sempre volto. À uma certa altura, fiquei intrigado com algumas mulheres, jovens adultas, junto ao caixão, que me fizeram questionar de onde elas teriam conhecido minha mãe. Soube depois serem internas da colônia penal feminina Bom Pastor, no Recife. Não sei se estavam em condicional, se já eram ex-detentas, ou se é possível terem recebido autorização para ir ao velório, mas todas cruzaram a vida de minha mãe quando ela fazia evangelização na penitenciária. Enquanto alguém me contava mais uma dessas histórias ao pé do ouvido e os membros do centro espírita cantavam a oração de São Francisco, eu via um amigo de tantos anos, abraçado ao seu filho, ambos chorando a partida de minha mãe. Assim que a música se encerrou, um silêncio se impôs, mas logo foi quebrado por uma das meninas do Bom Pastor (assim as chamo em minhas memórias), que bradou: “E ela também gostava muito desta!”. E aí logo emendou um cântico que eu nunca

tinha ouvido, mas descobrira ali, segundo a menina do Bom Pastor, que minha mãe sempre cantava. O restante dos membros do grupo espírita presentes logo a acompanhou e eu senti que aquela cena nunca mais se afastaria de meus olhos.

Sol escaldante

Com meu pai, eu imaginava que o raio não cairia duas vezes no mesmo lugar e, assim, meus irmãos e eu teríamos a companhia dele em sua velhice, até o fim dos seus dias, quando chegaria sua morte natural e, com isso, seu descanso. Mas ele morreu dois anos e seis meses depois que enterramos minha mãe. Morreu de covid-19. De covid. Digo e repito porque preciso. Conheci uma pessoa que despretensiosamente (e nesses casos o despretensioso parece doer mais) afirmou ser a morte por covid-19 um segredo para os familiares: “quem teve alguém que morreu de covid geralmente esconde [a causa da morte]”. Fiquei entre a perplexidade e a ira ao ouvi-la. Há uma longa distância entre esconder, esconder-se e guardar para si o grito, porque ninguém iria ouvi-lo. O canto silenciado da ave desolada que mal pôde enterrar seu pai e somente conseguiu se despedir por conta de uma temporada curta em uma Unidade de Terapia Intensiva Comum, após um mês em uma UTI especializada para os doentes de covid de um hospital de campanha montado pelo governo de Pernambuco. Um grito sufocado por não saber se ao comentar da morte de seu pai você estará diante de um negacionista ou dos julgamentos direcionados a um suposto descuido nas recomendações sanitárias (não) seguidas durante a pandemia, ou até cogitações a respeito de se não seria ele mesmo um negacionista, ou ainda se ele não era menos merecedor de pesares por fazer parte da categoria de detentores de comorbidades. Ele morreu de uma doença para a qual já havia vacina, e para a qual mais de 700 mil pessoas padeceram no Brasil. Não bastasse isso, o processo da morte durante uma condição pandêmica, cheia de restrições sanitárias e de pavores difusos espalhados entre as pessoas, deixa marcas indeléveis entre os que ficam.

Todos os dias, por volta das 18h, uma médica contratada pelo governo para divulgar os boletins médicos dos internados aos seus familiares me ligava. Daí seguia-se uma profusão de números diante dos quais eu precisava ficar muito atento para repassar as informações aos meus irmãos. Enquanto isso, o coração palpitava, a angústia crescia e o suor escorria, deixando o nervosismo transparecer nas letras tremidas de uma caderneta vermelha que agora serve como um diário dos números que pavimentaram o caminho até a perda irreparável. Um simples atraso nas ligações dava início a um dilacerante processo de antecipação a um sofrimento que depois chegaria como uma vaga de ondas gigantescas. Mirar essa caderneta empurrada para o fundo de uma gaveta, justamente para evitar encará-la, enche-me de calafrios. Ao vê-la, sou transportado para o momento em que recebi o aviso de que meu pai havia entrado na UTI e um tremor galopante e descontrolado tomou conta de meu corpo. Meu pai saiu de casa andando – e as lágrimas sempre vêm quando lembro disso (mais uma mordida do luto) –, levado pelo meu irmão para uma emergência, apenas por precaução, dizíamo-nos, por conta de sua baixa saturação (mais uma palavra dentre as quais passamos a nos familiarizar durante a pandemia). Depois só veria meu pai após sua transferência para um hospital regular. Desde sua entrada



na UTI do hospital de campanha, quando o entubaram e o deixaram sedado, ele não mais havia despertado. As tentativas dos médicos de diminuir a sedação não o faziam despertar. Deixavam-no agitado, no que os médicos retomavam o adormecimento. O mês no hospital de campanha e a batalha contra a covid o haviam flagelado. Já na UTI do novo hospital, passei direto do leito por não o ter reconhecido, mesmo com a recomendação de meu irmão de que me mantivesse forte, porque não mais veria ali quem realmente tinha sido nosso pai. Não adiantava preparação alguma. Quebrara-se ali algo dentro de mim que eu não sabia o que era. Só tinha certeza de que jamais seria o mesmo. Não falo metaforicamente. Eu senti aqui dentro algo se partir. Lembro de José Saramago dizendo em *O Ensaio sobre a Cegueira* (2020) que há dentro de nós algo de que não sabemos o nome e isso é o que somos. Deve ter sido esse, não sei o quê, a se quebrar naquele momento. E a vida a partir dali vem se resumindo a tentativas de remendar o irremendável.

Mesmo sendo transferido da UTI especializada em covid para uma unidade comum de um hospital em Olinda, após a contagem do vírus em seu corpo não mais indicar a presença da doença, sua causa da morte ainda constava como covid-19 na declaração de óbito. Decorreram-se daí todas as exigências sanitárias a serem cumpridas no sepultamento durante a pandemia. Entre a liberação do corpo e o sepultamento, algumas poucas horas se sucederam. O velatório municipal de Camaragibe estava fechado por conta das restrições sanitárias. O corpo saía do necrotério do hospital direto para o sepultamento, acondicionado “em dois sacos plásticos impermeáveis à prova de vazamento e selados”. A nota técnica do governo de Pernambuco exigia a presença de um familiar direto na entrega do corpo ao serviço funerário contratado pela família. Meu irmão se encarregou disso.

Foi ele, meu irmão, quem tomou a frente do reconhecimento do corpo de meu pai, talvez no intuito de me poupar, porque, dois anos e meio antes, era eu a estar lá para receber a notícia de que minha mãe havia morrido. Uma intercorrência estava atrasando a entrada dos familiares para visitar os internados. Fui render meu irmão que repassara a mim a causa do atraso na visita. Era um momento tenso: entrar na ala vermelha, ver como estava minha mãe, esperar o médico passar no leito, reter todas as informações, fazer as perguntas necessárias e depois repassar tudo. Uma assistente social me chamou na sala de espera: familiares da senhora (e disse o nome de minha mãe). Levantei-me ciente do que havia acontecido. Já tinha visto aquela cena algumas vezes. É interessante como uma pequena família temporária é formada entre as pessoas fazendo vigília por seus entes queridos na ala vermelha do Hospital da Restauração. Alguém era chamado pela assistente social, entrava perplexo e saía aos prantos sendo consolado por alguns. Atravessei aquele corredor pensando no que diria ao meu pai e irmãos, cogitando relutantemente como seria a vida dali para frente, sem a pessoa mais importante de nossa família, que atraía-nos para sua órbita como se não precisasse fazer esforço algum. A médica de plantão recebeu-me como se estivesse aborrecida, apressada para me dispensar: “recomendo não ver o corpo agora. Iremos prepará-lo”. Lembro dos olhares dos outros funcionários, principalmente das enfermeiras: um misto de pena, expectativa e compaixão. Dei meia volta e caminhei a esmo. Uma das enfermeiras me pegou pelo braço, abriu uma porta à nossa frente e disse: “pode ficar aqui um pouco. Ligue para alguém da sua

família". Liguei. Saí dali em direção à sala de espera, por onde era necessário passar ao buscar a saída. Alguns desconhecidos, membros da família que disse formarmos ali na recepção, me receberam. Continuei o caminho aos prantos e saí do hospital. Eles ficaram com medo de que algo acontecesse, porque o prédio onde estávamos abre suas portas para uma das avenidas mais movimentadas do Recife. Era noite. Um rapaz segurou meu ombro e fez com que eu voltasse para dentro. Uma senhora negra, corpo frágil, lenço branco na cabeça, voz cansada, porém singela e reconfortante, estava lá. Havíamos conversado rapidamente antes de tudo. Diante de um rapaz que acabara de perder sua mãe, ela não hesitou. Colocou a mão em minha cabeça, trouxe-a até seu peito e me abraçou. Gostaria muito de encontrá-la novamente.

Quando o médico me deu a notícia sobre a situação irreversível de meu pai, ele parecia estar perfilado em uma formação militar, aguardando a execução do hino nacional no pátio de um quartel qualquer: pernas afastadas, corpo retesado, mão cruzada atrás do corpo. Ele olhava para baixo e repetia: "situação irreversível". Quando o médico passou a tergiversar, precisei interrompê-lo para perguntar: "– Doutor, tenho família em Minas Gerais. Devo chamá-los?" Ele disse: "sim". Saí dali mais uma vez a esmo. Quando coloquei o pé fora do hospital, fui ofuscado pela luz. Era dia. Muito dia. Sol escaldante. Fui até o carro, estacionado perto do mar. Nem o azul do céu, nem o verde do mar ajudaram-me a cessar a fervura do dia em minha cabeça. No dia seguinte, a ligação pedindo para que um familiar fosse ao hospital chegou e já sabíamos o que era. Depois de uma parada cardíaca, meu pai se foi e meu irmão foi lá dar conta dos trâmites. Disse para deixar de prontidão quem eu desejasse que estivesse no cemitério, porque, ao sair do hospital, o corpo iria direto para o sepultamento: restrições sanitárias. Com os amigos de sobreaviso, a torcida era para que meu outro irmão, vindo de Belo Horizonte, chegasse a tempo. Ele chegou, e estávamos lá no cemitério: sol escaldante, poucas pessoas, abraços tímidos, máscaras e medo do contágio. O corpo chegou e, surpreendentemente, o motorista entrou no cemitério com o carro da funerária, manobrou na entrada estreita da primeira fileira de lápides e chegou até o início do corredor da sepultura onde o corpo de meu pai seria colocado, quando já não era mais possível avançar. Gostaria de encontrar esse motorista novamente. Ele abriu a mala do carro e disse: "podem fazer a despedida". Subi no meio-fio e disse algumas palavras que saíram rasgando minha boca, alma e coração.

"Deu um vacilo"

"Ele tinha se cuidado tanto e de repente deu um vacilo". Fiquei algum tempo paralisado com aquela afirmação, no mínimo imprudente, despejada por um vizinho.¹⁷ Ele apressou o passo para me alcançar antes que eu entrasse em casa carregando sacolas das compras do mercado. Pus as sacolas no chão e conversamos rapidamente. Ele queria me dar os pêsames sinceros de quem não pôde entregá-los por conta da impossibilidade de ir ao sepultamento. Minutos depois, o diagnóstico da causa da morte de meu pai, segundo ele, e o dicionário

¹⁷ Apresentei versões preliminares deste texto em dois seminários. Em ambas as ocasiões, as sensibilidades de pesquisadores oriundos do Sudeste, especialmente cariocas, não foram suscetíveis à expressão "deu um vacilo", levando em consideração que a situação descrita aconteceu em uma cidade da região metropolitana do Recife. No Rio de Janeiro, pode-se dizer que a expressão equivalente seria "deu mole".



Aurélio, foi um “engano geralmente não intencional; erro ou desvio de conduta; deslize”. Ou ainda “falta de cuidado, de atenção; vacilada, bobeada”. Entrei em casa, enfim, ainda boquiaberto. Então, meu pai, morto por uma doença para a qual naquela altura já existia uma vacina havia “dado um vacilo”? Pensei nas entrelinhas do que havia acabado de ouvir: “do que adianta ter se cuidado tanto e ter morrido depois?”. Meu pai e eu éramos conhecidos pela vizinhança por nossos cuidados, talvez julgados extremos. Muitas vezes, viam a feira chegar, o portão automático abrir enquanto pegávamos os mantimentos e lavávamos tudo com álcool, sem entrar em contato com ninguém. Não nos viam nas ruas. Nem toda a vizinhança seguia a quarentena à risca, apesar dos cuidados que todos tomavam. Quando passamos todos a sair às ruas eu conseguia perceber, vindos de outras pessoas, os mesmos olhares com as mesmas entrelinhas.

“Ele não se cuidava?”. Desta vez ouvi essa frase de uma pessoa que havia conhecido após a morte de meu pai. Foram 700 mil mortes, eu pensei, e a primeira reação de alguém ao ouvir que uma pessoa morreu de covid é perguntar se ela era descuidada? Houve 700 mil descuidados neste país? Atrasos na aquisição da vacina junto à tentativa de superfaturamento em sua compra, um presidente que chamou a doença de gripezinha e chegou ao disparate de imitar pessoas agonizando sem ar no momento mais agudo da pandemia, um ministério de saúde inepto ou obstaculizado pelo próprio poder executivo e mesmo assim a sombra da culpa paira automática e inconsequentemente sobre a vítima? E se realmente foram descuidados muitos dos que morreram por conta da peste, eles não merecem seu *réquiem*?

“Mas você, tão inteligente, deve saber que é muito estranho essa vacina ter sido produzida em tão pouco tempo”. Na fila do caixa de uma farmácia próxima à minha casa, ao encontrar uma conhecida que não via há muitos anos, deparei-me com um dos argumentos mais comuns dos *antivax* para promoverem uma desconfiança com relação à vacina contra a covid-19. Apesar de não ter ficado paralisado com um nó na garganta desta vez, acompanhou-me por muito tempo a imagem de como aquela pessoa, mesmo ciente de que eu havia perdido meu pai, colocava dúvidas em algo que poderia tê-lo salvado. Uma colega com quem conversei sobre as mortes de entes queridos na pandemia, e que também havia perdido seu pai, disse-me que, em pleno velório,¹⁸ seu primo abordou-a questionando o porquê de não terem feito nele o “tratamento precoce”. Esse termo vinha sendo disseminado pelo presidente na época e por seus apoiadores para incentivar o uso da Cloroquina, remédio utilizado na profilaxia da malária, mas do qual dizia-se ter a capacidade de impedir o contágio ou tratar da covid-19.

Meu pai estava cheio de planos, começando a se reerguer após a morte de minha mãe, e havia começado a namorar uma amiga de longa data. Mas “você se senta para jantar e aquela vida que você conhecia acaba de repente”. Sua cunhada precisou ser socorrida no hospital por questões não concernentes à doença da pandemia. Internou-se e foi infectada com o tão temido vírus do SARS-COV-2, ou o novo coronavírus. Com as idas ao hospital, meu pai e sua namorada também foram infectados. Ele e sua cunhada morreram. A namorada de meu pai escapou da morte após um tempo de internamento. Se ele houvesse contraído o vírus

¹⁸ Neste caso, não constou como causa da morte na certidão de óbito do pai de minha colega a covid-19, podendo ser feito o velório.

no bar de meu tio, que também padeceu de covid na mesma semana, sua morte seria menos enlutável? Uma amiga ouviu de uma pessoa próxima após a morte de seu pai por covid: “pelo menos morreu trabalhando”. Que tipo de consolo é esse? Falando mais uma vez de entrelinhas, essa fala traz à tona uma classificação de mortes mais ou menos enlutáveis, em uma gradação que vai desde as mortes mais “honradas” (estava trabalhando), às mortes menos dignas porque “descuidadas”, ou até as “inevitáveis” por conta da idade ou das comorbidades dos falecidos. Ao fim e ao cabo, culpam-se as próprias vítimas. É muito difícil recolher os pedaços neste lugar de devastação.

Considerações finais: um réquiem aos descuidados

Neste artigo tentei mostrar como as pessoas têm lidado em suas vidas cotidianas com o luto por entes queridos falecidos durante a pandemia de covid-19 através de um relato autobiográfico. Tentei mostrar como se deu o esforço de seguir em frente e elaborar as perdas, mesmo privados da vivência coletiva, distantes do reconhecimento comunitário do luto e afrontados pelo negacionismo. Quis mostrar para além disso, as dificuldades de se lidar com a economia moral das mortes por covid-19, quando enfrentamos constrangimentos tácitos ou manifestos às expressões de enlutamento e de como isso acrescentou mais uma camada de sofrimento à vida dos enlutados.

Mas este texto também serve de homenagem aos que se foram, na esperança de contribuir para uma cultura pública do luto e, mais especificamente, das vidas perdidas para a covid-19 durante a pandemia. Compartilhando práticas eficazes de consolo e rememoração, desejo contribuir, assim, com um repertório de expressões de consolo e solidariedade, a fim de evitar que se dê o vacilo de negligenciar, não saber como oferecer ou negar o acolhimento a quem teve sua vida rompida por um evento crítico. Se Chimamanda Ngozi Adichie diz que o luto tem a ver com a derrota das palavras e imediatamente complementa a si mesma ao dizer que também tem a ver com a busca das palavras, espero que cada uma delas aqui colocadas se junte como em uma partitura e sirva como um *réquiem* aos descuidados.

Ao discorrer sobre a solidão dos enlutados, Joan Didion afirma:

Quem sofre uma perda recente fica com um certo olhar que talvez seja somente reconhecível pelos que já viram aquele mesmo olhar no próprio rosto. Notei isso no meu rosto e agora percebo isso nos outros. Esse olhar reflete uma enorme vulnerabilidade, é como estar nu e desarmado. É o olhar de quem sai do consultório do oftalmologista com as pupilas dilatadas e encara a luz do dia, ou o olhar de quem usa óculos e tem subitamente que tirá-los. As pessoas que perderam alguém parecem nuas porque se acreditam invisíveis. Eu mesma me senti invisível durante um tempo, como se não tivesse um corpo. Parecia que eu tinha atravessado um daqueles rios mitológicos que separam o mundo dos vivos do mundo dos mortos, como se eu tivesse entrado num local onde pudesse ser vista apenas por aqueles que estão passando por um luto recente (Didion, 2006, p. 79).

Essa longa citação, que insisto em trazer aqui, leva-nos, o leitor e eu, de volta às perguntas do início do artigo a respeito de estarmos sozinhos, nós os enlutados pela covid-19, no papel de reconhecermo-nos mutuamente em nossas perdas. Estamos? É possível que alguém, mesmo não tendo passado por um luto recente, nos veja? Os momentos que relatei, desde Márcio Antônio irrompendo na praia e colocando de volta as cruzes, passando pela mulher negra de pano na cabeça que me abraçou em meio ao meu desespero, até o canto da menina do bom pastor, são exemplos de como compartilhar das dores do outro. Ainda assim, estamos juntos na condição de termos passado por uma perda recente. No entanto, quando o motorista da funerária, manobrou entre as lápides do cemitério e abriu a mala do carro para que pudéssemos fazer nossa despedida, ele se tornou veículo de acolhimento e de catarse das dores. Se a dor desceu ao ordinário, é preciso fazer como esse motorista: descotidianizá-la a partir de uma *performance* da catarse e do consolo. Ele escolheu não fazer como Creonte, ou mesmo como o soldado, que, mesmo tendo se compadecido diante da cena trágica, continuou cumprindo ordens. Ele não sufocou o canto da ave desolada e se tornou o consolo de Antígona.

Referências Bibliográficas

Adichie, C. N. (2021). *Notas sobre o luto*. São Paulo: Companhia das Letras.

Adiukwu, F., Kamalzadeh, L., Costa, M. P., Ransing, R., Filippis, R., Pereira-Sanchez, V., & Larnaout, A. (2022). The grief experience during the covid-19 pandemic across different cultures. *Annals of General Psychiatry*, 21(1), 18. <https://doi.org/10.1186/s12991-022-00397-z>

Andrade Neves, M. F. (2021). Living the death of others: the disruption of death in the covid-19 pandemic. *Horizontes Antropológicos*, 27(59), 91-108.

Barradas, L., & Silva Mendes. (2023). *Os rituais de despedida por luto no contexto da covid-19*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Delta do Parnaíba].

Bayatrizi, Z., Ghorbani, H., & Taslimi Tehrani, R. (2021). Risk, mourning, politics: Toward a transnational critical conception of grief for covid-19 deaths in Iran. *Current Sociology: La Sociologie Contemporaine*, 69(4), 512-528.

Bonanno, G. (2001). Grief and emotion: Comparing the grief work and social functional perspectives. In M. S. Stroebe, R. O. Hansson, W. Stroebe, & H. Shut (Eds.), *Handbook of bereavement research: Consequences, coping and care* (pp. 493-516). American Psychological Association Press.

Brazal, A. M. (2021). The last rites in a time of pandemic. *Journal of Public Health*, 43(3), e549-50. <https://doi.org/10.1093/pubmed/fdab153>

Cardoso, E. A. O., Silva, B. C. A., Santos, J. H., Lotério, L. S., Accoroni, A. G., & Santos, M. A. (2020). The effect of suppressing funeral rituals during the covid-19 pandemic on bereaved families. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 28, e3361. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361>



Cepedisa: Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário. (2021). *A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da covid-19*. Faculdade de Saúde Pública (FSP). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP).

Charmaz, K., Milligan, M. (2006). Grief. In J. H. Turner, & J. E. Stets (Eds.). *Handbook of the sociology of emotions*. (pp. 516-538). New York: Springer.

Crepaldi, M. A., Schmidt, B., Noal, D. S., Bolze, S. D. A., & Gabarra, L. M. (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 37, e200090. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>

Danforth, L. M. (1982). *The death rituals of rural Greece*. In N. J. Princeton (Org.). Princeton University Press.

Dantas, C. R., Azevedo, R. C. S. de, Vieira, L. C. et. al. (2020). O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(3), 509-533.

Das, V. (1995). *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*. New Delhi: Oxford University Press.

Didion, J. (2006). *O ano do pensamento mágico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Fabian, J. (2025). How others die: Reflections on the Anthropology of death. *Social Research*, 39(3), 543-567. JSTOR. <http://www.jstor.org/stable/40970109>

Fassin, D. (2009). Moral economies revisited. *Annales: Histoire, Sciences Sociales*, 64(6), 1237-1266. <https://shs.cairn.info/journal-Annales-2009-6-page-1237?lang=en>

Hertz, R. (1960). A contribution to the Study of the Collective Representation of Death. In R. Hertz. *Death and the Right Hand. Anthropology and Ethnography, IV*. London and New York: Routledge Library Editions.

Fernández, O., & González-González, M. (2022). The dead with no wake, grieving with no closure: Illness and death in the days of coronavirus in Spain. *Journal of Religion and Health*, 61(1), 703-721. <https://doi.org/10.1007/s10943-020-01078-5>

Giamattey, M. E. P., Frutuoso, J. T., Bellaguarda, M. L. R., & Luna, I. J. (2022). Rituais fúnebres na pandemia de covid-19 e luto: possíveis reverberações. *Escola Anna Nery*, 26(spe.), e20210208. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2021-0208>

Jakoby, N. R. (2012). Grief as a social emotion: Theoretical perspectives. *Death Studies*, 36(8), 679-711.

Koury, M. G. P. (2002). Sofrimento íntimo: Individualismo e luto no Brasil contemporâneo. *RBSE*, 1(1), 77-87. João Pessoa: Grem.

Lupion, M. R. O. (2021). A covid-19, o luto e a gestão do corpo morto pela prefeitura de Maringá/PR. *Revista NUPEM*, 13(30), 235-250. <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5677>

Machado, R. M., & Menezes, R. A. (2018). Gestão emocional do luto na contemporaneidade. *Revista Ciências da Sociedade (RCS)*, 2(3), 65-94.

Mitima-Verloop, H. B., Trudy, T. M. M., Kritikou, M. E., & Boelen, P. A. (2022). Restricted mourning: Impact of the covid-19 pandemic on funeral services, grief rituals, and prolonged grief symptoms. *Frontiers in Psychiatry*, 13(maio), 878-818. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2022.878818>

Moura, E. C., Cortez-Escalante, J., Cavalcante, F. V., Barreto, I. C. H. C., Sanchez, N., & Santos, M. (2022). Covid-19: evolução temporal e imunização nas três ondas epidemiológicas (Brasil). *Revista de Saúde Pública*, (56), 105. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056004907>

Nobre, M. (2022). *Limites da democracia: De junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia.

Praxedes, M. F. S. (2024). *O cuidado em saúde baseado em evidências - Volume 4*. In M. F. S. Praxedes (Org). Guarujá: Editora Científica Digital.

Ribeiro, G. L. (2021). Descotidianizar el mundo: La pandemia como evento crítico, sus revelaciones y (re)interpretaciones. *Desacatos: Revista de Ciencias Sociales*, 1(65), 106-123. <https://desacatos.ciesas.edu.mx/index.php/Desacatos/article/view/2277>

Rosaldo, R. (2014). *The day of Shelly's death: The poetry and ethnography of grief*. Durham: Duke University Press.

Rui, T., França, I. L., Machado, B. F., Rossi, G., & Arruti, J. M. (2021). Antropologia e pandemia: escalas e conceitos. *Horizontes Antropológicos*, 27(59), 27-47. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000100002>

Saramago, J. (2020). *O ensaio sobre a cegueira*. Rio de Janeiro: Cia das Letras.

Schmitt, C. (2008). *O conceito do político: Teoria do Partisan*. Belo Horizonte: Del Rey.

Scott, J. C. (1976). *The moral economy of the peasant: Rebellion and subsistence in Southeast Asia*. New Haven: Yale University Press.

Silva, M. M., & Estellita-Lins, C. (2021). A xawara e os mortos: os Yanomami, luto e luta na pandemia da covid-19. *Horizontes Antropológicos*, 27(59), 267-285.

Silverman, G. S., Baroiller, A., & Hemer, S. R. (2021). Culture and grief: Ethnographic perspectives on ritual, relationships and remembering. *Death Studies*, 45(1), 1-8.

Thompson, E. P. (1971). The Moral Economy of the English Crowd in the eighteenth century. *Past & Present*, 50, 76-136.

Torrens-Burton, A., Goss, S., Sutton, E., Barawi, K., Longo, M., Seddon, K., Carduff, E., Farnell, D. J. J., Nelson, A., Byrne, A., Phillips, R., Selman, L. E., & Harrop, E. (2022). It was brutal. It still is: A qualitative analysis of the challenges of bereavement during the covid-19 pandemic reported in two national surveys. *Palliative Care and Social Practice*, 16(janeiro), 26323524221092456. <https://doi.org/10.1177/26323524221092456>

Vicente da Silva, A., Rodrigues, C., & Aisengart, R. (2021). Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de covid-19 no Brasil. *Revista Nupem*, 13(30), 214-234. <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/issue/view/277>

Walter, T. (2006). What is complicated grief?: A social constructionist perspective. *OMEGA: Journal of Death and Dying*, 52(1), 71-79.

Submetido em: 30 de maio de 2025

Aprovado em: 26 de outubro de 2025

